

DEFICIÊNCIA FÍSICA: MUDANÇAS DE CONCEPÇÕES E ATITUDES SOCIAIS DE CRIANÇAS

Aline de Novaes Conceição¹; Maewa Martina Gomes da Silva e Souza¹
alinenovaesc@gmail.com

¹ Universidade Estadual Paulista –UNESP- “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília/SP

Introdução

A deficiência deve ser analisada a partir de uma perspectiva social e cultural e uma das “[...] únicas alegações que se pode fazer a respeito do conceito de deficiência é de que ele ainda não está definido, para a sociedade em geral, de maneira consistente devido à ausência de consenso” (SOUZA, 2014, p. 36). Com isso, constata-se que há uma construção social da deficiência possível de ser percebida com as concepções mantidas pelos sujeitos sobre a temática (OMOTE, 1994).

Uma das maneiras de identificar essas concepções é indagando alunos sem deficiência sobre as deficiências, visando descrever as concepções desses, sobre pessoas com deficiências, considerando que essas concepções são significativas para as atitudes sociais frente a uma pessoa com deficiência.

Objetivo

O objetivo geral da pesquisa consistiu em analisar as mudanças de concepções de deficiências físicas e atitudes sociais de crianças sem deficiência em relação a inclusão da pessoa com deficiência física pré e pós intervenção.

Método

A pesquisa foi realizada com dois grupos, sendo um grupo experimental (GE) e um grupo controle (GC), em que os participantes da pesquisa foram 32 alunos matriculados em duas turmas do terceiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo, que atende predominantemente alunos em situação de vulnerabilidade social.

Para coletar os dados, utilizou-se com o grupo controle e o grupo experimental a Escala *Likert* Infantil de Atitudes Sociais em relação à Inclusão, elaborada por Baleotti (2006), essa escala contém 20 enunciados sendo 10 com atitudes sociais favoráveis em relação à inclusão e outros 10 com desfavoráveis. Cada enunciado é constituído de três alternativas “sim”, “não” e “não sei”.

Em seguida, utilizou-se com o grupo controle e o grupo experimental uma adaptação de um questionário que foi realizada por Souza (2014). Nesse instrumento, além de haver relações com concepções das deficiências, também são apresentadas 16 questões sobre os conceitos, as causas, as implicações e a interação, ou a falta de interação com a criança com deficiência física, visual, auditiva e intelectual. Dessa forma, para cada deficiência há quatro questões, totalizando as 16.

Após esse, realizou-se uma intervenção apenas com o grupo experimental a partir de um programa informativo infantil elaborado por Vieira (2014) e apresentado em sua tese. O programa é composto de 10 encontros e visa informar crianças sobre diversidade, deficiências (auditiva, visual, física, múltiplas, intelectual e Síndrome de Down) e inclusão, a partir, principalmente, de conversas, vídeos, jogos, livros, fantoches e imagens.

Após o programa informativo o questionário e a escala foram aplicados novamente, tanto para o grupo controle quanto para o grupo experimental.

Especificamente, para este texto, selecionaram-se para análise as respostas relacionadas às deficiências físicas obtidas a partir da escala e do questionário. A fim de analisar os dados do questionário, realizou-se uma transcrição das respostas obtidas que possibilitou a análise quantitativa para as respostas fechadas e a análise qualitativa para as respostas abertas. Nas respostas abertas, realizou-se uma análise de conteúdo.

Para a categoria de análise utilizou-se a mesma de Souza (2010), a saber: “1) desconhecimento”, “2) ideia fantasiosa”, “3) informação equivocada” e “4) resposta favorável”. Nas respostas fechadas utilizou-se testes estatísticos específicos. Após isso, foram enviadas as respostas das crianças para duas juízas, da área da educação, que atribuíram as categorias de análises as respostas e após isso, foi conferido com as categorias inseridas pela pesquisadora, a fim de que houvesse a confirmação de no mínimo 80% de concordância, positivamente houve a concordância de 87% da primeira juíza e de 86% da segunda juíza em relação as respostas.

Para análise dos dados da escala, realizou-se a tabulação dos dados calculando os escores somando-se algebricamente os pontos obtidos, que foram atribuídos da seguinte forma: -1 quando o respondente discorda do enunciado favorável à inclusão ou concorda com o enunciado desfavorável à inclusão; 1 quando o respondente concorda com o enunciado favorável à inclusão ou discorda do enunciado desfavorável à inclusão; e 0 quando o respondente assinala que não sabe opinar a respeito do conteúdo do enunciado.

Destaca-se que a pesquisa respeitou todas as normas estabelecidas pela resolução nº 466/2012 (BRASIL, 2012), referentes aos aspectos éticos em pesquisa com seres humanos e foi realizada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP).

Resultados e discussão

A seguir, no Quadro 1, serão apresentados os tipos de respostas sobre o conceito de deficiência física:

Quadro 1- Respostas apresentadas pelos participantes sobre a deficiência física¹

GRUPOS		RESPOSTAS
GE	Pré-teste	“Não sei” GEP2 ¹ “Fica sem ouvir ela tem problema” GEP8 “Ela não tem perna” GEP1
	Pós-teste	“Não sei” GEP4 “Surda e muda, ela faz sinais” GEP7 “Ela é cadeirante” GEP2

¹ Ao apresentar as respostas das crianças no quadro, buscou-se apresentar uma amostra de respostas de cada grupo que demonstrassem “Resposta Favorável”, “Desconhecimento”, “Equivocada” ou “Fantasiosa”, sendo que na maioria das respostas não houve respostas fantasiosas.

GC	Pré-teste	“Não sei” GCP5 “Ela fica cega” GCP1 “Sem braço” GCP17
	Pós-teste	“Eu não sei” GCP3 “Não escuta” GCP1 “Ela usa cadeira de rodas” GCP11

Fonte: elaboração própria.

A partir do Quadro 1, é possível visualizar amostras de respostas mencionadas pelas crianças participantes da pesquisa. No geral, é possível observar que as crianças atribuíram favoravelmente a deficiência física a falta de braço ou perna e equivocadamente relacionaram a deficiência física a deficiência auditiva e a deficiência visual, o que demonstra uma confusão em relação ao conceito das deficiências.

Na primeira aplicação do questionário com o grupo experimental, 39% apresentaram respostas favoráveis sobre o conhecimento da deficiência física, mencionando, principalmente, que “não tem perna”, “não anda”, “anda torto” e “não tem braço”.

Na segunda aplicação do questionário do grupo experimental, 61% apresentaram respostas favoráveis sobre o conhecimento da deficiência física, mencionando, principalmente, que “não tem perna e braço”, “é cadeirante”, “é parálitica”, “não anda” e “não mexe parte do corpo”.

Os dados sugerem que houve uma mudança significativa no conhecimento da deficiência física após a aplicação do programa informativo.

Na primeira aplicação do questionário com o grupo controle, 28% dos participantes demonstraram respostas favoráveis sobre o conhecimento da deficiência em questão. Enquanto que na segunda aplicação do questionário com esse grupo, 50% apresentaram respostas favoráveis.

Embora também houvesse aumento no grupo controle, o aumento foi menor que o do grupo experimental.

A seguir, na Tabela 2, podem ser visualizadas as categorias e as frequências das respostas das quatro questões relacionadas à deficiência física:

Tabela 1 - Deficiência física: frequência das respostas apresentadas por categorias e por grupo

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA DAS RESPOSTAS			
	GE		GC	
	Pré-teste	Pós-teste	Pré-teste	Pós-teste
Desconhecimento	33	1	5	7
Ideia fantasiosa	0	0	1	0
Informação equivocada	14	18	19	12
Resposta favorável	25	53	31	37

Fonte: elaboração própria.

Destaca-se os tipos de respostas que se enquadram em cada categoria. Na categoria “desconhecimento” encontram-se respostas como o do participante GEP2 “Não sei”. Na “ideia fantasiosa” há relatos como do participante GCP11 “Porque a mãe dela dançou, a bebê fica com alguma deficiência”. Em relação a informação equivocada há respostas como do GCP4: “É aquelas

crianças que é surda que tem problema” e em “reposta favorável” há respostas como do GEP1: “Sem perna e sem braço”.

Com a Tabela 1, observa-se que das quatro categorias apresentadas três são negativas, ou seja, consideradas desfavoráveis (“desconhecimento”, “ideia fantasiosa” e “informação equivocada”) e apenas uma é positiva. Com isso, na Tabela 2, realizou-se o agrupamento das três primeiras categorias e após isso foi aplicada a prova de Qui-quadrado, tendo como objetivo comparar as divergências entre as frequências observadas.

As categorias agrupadas, podem ser visualizadas na Tabela 2.

Tabela 2- Deficiência física: frequências provenientes do agrupamento das categorias

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA DAS RESPOSTAS			
	GE		GC	
	Pré-teste	Pós-teste	Pré-teste	Pós-teste
Resposta desfavorável	47	19	25	19
Resposta favorável	25	53	31	37

Fonte: elaboração própria.

Inicialmente, o grupo experimental teve mais respostas desfavoráveis em relação a deficiência física, mas após a aplicação do programa informativo infantil, houve um aumento significativo, ou seja, de 34,8 % de respostas favoráveis, a turma passou a ter 74% enquanto que no grupo controle o aumento foi de 55% para 66%.

A análise estatística utilizando o teste de Qui-quadrado também comprova essa mudança favorável com relação a esse conceito de deficiência no grupo experimental, sendo que o valor de $p = <0,0001$ (valor de $U = 20,392$, 1 grau de liberdade), considerado extremamente significativo. Enquanto que o grupo controle que não sofreu nenhum impacto interventivo não sofreu tal alteração (valor de $p = 0,3334$, $U = 0,9358$, 1 grau de liberdade, ou seja, comparação não considerada estatisticamente significativa).

É importante compreender também quais as concepções das crianças sobre as causas da deficiência física. Com relação às causas, segue o Quadro 2, com amostras dos tipos de respostas fornecidas pelos alunos.

Quadro 2- Respostas apresentadas pelos participantes sobre as causas da deficiência física

GRUPOS		RESPOSTAS
GE	pré-teste	“Não sei” GEP2 “Arteira” GEP13 “Porque ela nasceu com deficiência” GEP1
	pós- teste	“Porque a mãe vai pegar o lápis e enfia o lápis no ouvido para ficar surdo” GEP6 “Ela pode ser atropelada!” GEP1
GC	pré-teste	“Não sei” GCP1 “Porque ela tem problema” GCP4 “Ou cai da escada ou sofreu um acidente” GCP6
	pós- teste	“Eu não sei porque eu nunca vi” GCP3 “Porque pode furar, pode não falar” GCP4 “Quando cai de moto” GCP8

Fonte: elaboração própria.

É possível observar respostas relacionadas ao nascimento e a acidentes, há também respostas relacionadas com doenças e com “lápiz no olho”, confundindo com a deficiência visual. Na primeira aplicação do questionário com o grupo experimental, 17% dos participantes responderam corretamente sobre as causas, na segunda aplicação após o programa, 72% responderam corretamente, ou seja, o programa possibilitou um aumento de 55% das respostas. Enquanto que o grupo controle na primeira aplicação da escala apresentou 50% de respostas corretas sobre as causas e na segunda aplicação do questionário passou para 64%, havendo um aumento de apenas 14%, ou seja, inferior ao grupo experimental.

Outro aspecto a ser investigado, são as implicações dessa deficiência, ou seja, as dificuldades das crianças ao realizarem as atividades da escola, que pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3- Respostas apresentadas pelos participantes sobre as implicações da deficiência física

GRUPOS		RESPOSTAS
GE	Pré-Teste	“Não sei” GEP1 “Porque ela não sabe escrever” GEP3 “Para escrever e para pintar” GEP10
	Pós- Teste	“Alguém pode ajudar a fazer no braile” GEP14 “Nas atividades da Educação Física, nas brincadeiras de pular corda” GEP10
GC	Pré-Teste	“Não sei” GCP1 “Dificuldade de enxergar” GCP3 “Brincadeira” GCP14
	Pós- Teste	“Não sei” GCP8 “Se for cego não consegue ler” GCP5 “Ela pode ter dificuldade na educação física e nas outras aulas” GCP6

Fonte: elaboração própria.

Com o grupo experimental, na primeira aplicação do questionário, 50% dos participantes demonstraram desconhecimento das dificuldades das crianças com deficiência física na escola, mencionando “não sei”. Houve também respostas favoráveis relacionadas a escrita.

Na segunda aplicação do questionário desse grupo, não houve desconhecimento das dificuldades e a maioria respondeu que as dificuldades estavam relacionadas as atividades da Educação Física.

No grupo controle, na primeira aplicação apenas 14% demonstraram desconhecimento das dificuldades em questão e na segunda aplicação 7% demonstraram desconhecimento.

Houve uma diminuição do desconhecimento das dificuldades das pessoas com deficiência física em ambos os grupos, embora a diminuição foi maior no grupo experimental que após o programa passou a ser 0%.

Na Tabela 3, é possível observar as respostas fornecidas pelos grupos relacionadas as possibilidades de interação com a pessoa com deficiência física:

Tabela 3 - Deficiência física: frequências provenientes do agrupamento das respostas

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA DAS RESPOSTAS			
	GE		GC	
	Pré-Teste	Pós-Teste	Pré-Teste	Pós-Teste
Aceitação	12	18	10	10
Negação	6	0	4	4

Fonte: elaboração própria.

É possível observar que a negação que era maior no grupo experimental, com as informações recebidas a partir do programa, passou a ser 0. Enquanto que no grupo controle que não recebeu informação continuou sendo 4.

Dessa forma, é possível observar que o grupo experimental, apesar de não ter 100% de conhecimento favorável sobre a deficiência física e suas causas, após o programa, 100% dos participantes demonstraram que passaram a aceitar as pessoas com deficiência física. Posteriormente, foi aplicada a prova de Qui-quadrado, tendo como objetivo comparar as divergências entre as frequências observadas. Essa análise estatística utilizando o teste de Qui-quadrado também comprova essa mudança favorável com relação a aceitação dessa deficiência no grupo experimental, sendo que o valor de $p = 0,0253$ (valor de $U = 5,000$, 1 grau de liberdade), considerado extremamente significativo. Enquanto que o grupo controle que não sofreu nenhum impacto interventivo não sofreu tal alteração (valor de $p = 1,0000$, $U = 0,0000$, 1 grau de liberdade, ou seja, comparação não considerada estatisticamente significativa).

No Quadro 4, apresentam-se as justificativas de aceitação e negação da interação da pessoa com deficiência física.

Quadro 5 - Deficiência física: tipos de justificativas apresentadas pelos participantes

GRUPOS		RESPOSTAS	
GE	Pré-teste	Aceitação	“Sim porque ela tem direito” GEP1
		Negação	“Não, não sei” GEP17 “Não, porque ela é deficiente” GEP4
	Pós-teste	Aceitação	“Sim, porque vamos ajudar ela” GEP14
		Negação	Não houve nenhuma negação.
GC	Pré-teste	Aceitação	“Sim porque nós ajudamos” GCP13
		Negação	“Não eu não ia aguentar ajudar toda hora” GCP5
	Pós-teste	Aceitação	“Sim, eu ajudaria” GCP12
		Negação	“Não, porque ela ou ele vai atrapalhar a nossa aula e nós vamos ter que ajudar” GCP10

Fonte: elaboração própria

Na primeira aplicação do grupo experimental, 66% dos participantes demonstraram atitudes de aceitação mencionando que a criança com deficiência física “tem direito”, “aprende” e “deve estudar na mesma classe porque tem a mesma idade”; enquanto que as respostas de negação se referiam ao fato dela “ter deficiência” e a “não saber”.

Na segunda aplicação desse grupo, como mencionado, 100% dos participantes demonstraram atitudes de aceitação mencionando que ela tem que estudar e que se pode ajudá-la, ou seja, houve a presença de atitudes de cooperação nas respostas. No grupo controle, na primeira aplicação 71% dos participantes demonstraram atitudes de aceitação, mencionando que a professora ou os amigos podem ajudar.

Na segunda aplicação desse grupo, foi mantida os 71% de aceitação. Mencionando que “ela não dará problema”, “ela pode aprender mais” e “o participante a ajudaria”.

Conclusão

Os resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa sugerem que as concepções e atitudes sociais das crianças sem deficiência em relação à inclusão, podem ser alteradas positivamente a partir de intervenção realizada com um programa informativo, que, além de contribuir com as concepções e atitudes sociais dos alunos, também contribui com as dos professores que aplicam o programa.

Dessa forma, é importante que os estudos sobre concepções de inclusão realizem intervenções sobre essa temática e principalmente que essas intervenções sejam realizadas pelo (a) professor (a) da turma que mais que professor deve ser pesquisador a fim de avançar nos seus conhecimentos docentes e proporcionar um melhor ensino aos seus alunos.

Referências

- BALEOTTI, Luciana Ramos. *Um estudo do ambiente educacional inclusivo: descrição das atitudes sociais em relação à inclusão e das relações interpessoais*. 2006. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL). *Resolução n.º 466*, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2012.
- OMOTE, Sadao. Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.1, p. 65-73, 1994.
- SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva E. *Concepções de crianças não deficientes acerca das deficiências: estudo realizado com crianças de 4 a 6 anos de idade*. 2010. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

_____. *Estudo evolutivo de concepções de crianças e adolescentes sem deficiência sobre as deficiências e suas atitudes sociais em relação à inclusão*. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.

VIEIRA, Camila Mugnai. *Atitudes sociais em relação à inclusão: efeitos da capacitação de professores para ministrar programa informativo aos alunos*. 2014. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)-Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.

(Footnotes)

1 “GEP2” será o modelo das siglas utilizadas, a fim de compreender se refere ao Grupo Experimental ou ao Grupo Controle, no modelo citado, P2 representa o participante de número 2 pertencente nesse caso, ao Grupo Experimental. Destaca-se que para todas as respostas apresentadas, optou-se por utilizar a escrita literal dos participantes.